



---

## **A FÉ DOS POBRES: DESAFIO À NOVA EVANGELIZAÇÃO**

Faith of the poor: challenge to the new evangelization

*Ignacio Madera Vargas \**

**RESUMO:** A fé dos pobres possui uma lógica interna que é necessário aprofundar para identificar o que dita lógica pode oferecer aos processos de nova evangelização na Igreja e da missão continental proposta por Aparecida. No interior da confissão de fé, compreendida em seus níveis epistemológico e ético, caracteriza-se a fé dos pobres em suas dimensões de minoridade, resistência e maravilha e suas relações com a fé e a esperança. Uma nova dinâmica ministerial emerge como necessária para uma nova evangelização do continente que inclui o ministério dos teólogos e teólogas em relação adulta com os pastores e o magistério da Igreja.

**PALAVRAS-CHAVE:** Confissão de fé, Pobres, Ética, Ministerialidade, Nova evangelização.

**ABSTRACT:** The faith of the poor has an internal logic that is necessary to deepen in order to identify the contribution that logic can offer to the processes of the new evangelization in the Church and of the continental mission proposed by Aparecida. Within the confession of faith understood in its epistemological and ethical levels, the faith of the poor is characterized in its dimensions of minority, resistance and wonder and its relationship with faith and hope. A new ministerial dynamic emerges as necessary for a new evangelization of the continent which includes the Ministry of theologians (male and female) in an adult relation with the pastors and the Magisterium of the Church.

**KEYWORDS:** Confession of faith, Poor, Ethics, Ministries, New evangelization.

---

\* Professor da Faculdade de Teologia da Universidade Xaveriana - Bogotá, Colômbia. Artigo submetido a avaliação em 30.01.2013 e aprovado para publicação em 27.02.2013.

Que os pobres nos ensinam a viver o Evangelho é uma expressão que se tornou reconhecida por ocasião da leitura que o magistério latinoamericano, na Conferência de Medellín, fez das propostas do Vaticano II para a América Latina e o Caribe. As teologias que a partir de suas intuições se originaram no continente fizeram ecoar esta afirmação, a mesma que nos remete a desentranhar a lógica da fé dos pobres, de modo que identifiquemos se na verdade ela traz em si uma coerência interna que seja teologicamente sustentável.

Trata-se de uma descoberta, no sentido mais genuíno desta expressão, como desvelação do que estava ali, mas os seres humanos não tínhamos conseguido conhecer até esse momento dos pobres como lugar teológico; isto significou para o cristianismo latino-americano e caribenho uma reorientação do a partir de onde encontrar a ação de Deus na história. Uma reorientação de afirmações tradicionais com relação à fé fez-se necessária pelas novas condições em que vive a América Latina e o Caribe e se tornou urgente diante da proclamação do Santo Padre Bento XVI do Ano da Fé, que constitui uma oportunidade para aprofundar nos sentidos ocultos por detrás dos sentidos aparentes, também de aprofundar igualmente o que comporta a confissão de fé e suas consequências.

A que me refiro exatamente quando falo de fé dos pobres? Ao fato de que eles têm suas maneiras de expressar e viver a fé que é deles e que pode questionar as maneiras de expressá-la e vivê-la de quem não somos pobres, sociologicamente falando<sup>1</sup>. E estas maneiras dos pobres e suas expressões subjetivas e comunitárias são um desafio para a fé cultivada. Quero assinalar que há um substrato teológico não evidente ou evidenciável para os pobres, porém sim desentranhável em seus significados mais profundos para os teólogos e teólogas que queremos seguir na firme vontade de escutar a voz de Deus no grito sem ouvintes dos sem voz. Porque nossa reflexão não se situa na busca de mudanças de sistemas ou apoio a ideologias de este ou outro teor, senão na clara consciência de que a fé, no dizer da carta de São Tiago, necessariamente, e não por interpretações acomodaticias, está direcionada às obras, para a ação, as práticas consequentes com o sentido do confessado. E é disso que primeiro dão testemunho as vivências da fé dos pobres<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Cf. PROAÑO, L. Mgr. La Iglesia y los pobres en America Latina hoy. In: *Los pobres edifican la Iglesia*. Riobomba: Fondo Documental Diocesano, 2011, p. 137-148. Um documento sugestivo sobre a opção pelos pobres é o escrito por PIXLEY, J.; BOFF, C. *Opción por los pobres*. Madrid: Paulias, 1986; (vers. bras.: PIXLEY, J.; BOFF, C. *Opção pelos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1986).

<sup>2</sup> Carta de São Tiago 2,14: Meus irmãos, que adianta alguém dizer que tem fé, quando não a põe em prática? A fé seria capaz de salvá-lo? 15 Imaginai que um irmão ou uma

## A confissão de fé e sua lógica

Confessar a fé é muito mais que crer no que não vemos porque Deus o revelou. Parto da convicção de que a fé, mais do que aceitação racional de verdades, é uma maneira de viver a existência regulada por uma oferta gratuita que nos foi revelada. Ou seja, no caso do cristianismo a fé é uma maneira de viver a vida regulada pela palavra santa dos Evangelhos de Nosso Senhor Jesus Cristo. Isto nos está evidenciando de imediato uma relação de complexidade entre o confessado como dado que nos vem ao conhecer e o praticado como exigência que nos exige ser. Por isso, a confissão de fé comporta uma relação de mútua implicação entre uma dimensão epistemológica (o que conhecemos porque se nos foi revelado) e uma dimensão ética (o que praticamos porque se impõe pelo que estamos conhecendo).

A confissão de fé é do tipo de linguagem que realiza o dito no ato mesmo de confessá-lo. Quando digo "creio", estou realizando a ação de crer como afetação do meu conhecer e do meu atuar. E esta é a característica primeira que quero destacar em minha compreensão da lógica da confissão de fé, à luz da Carta de São Tiago<sup>3</sup>. Trata-se de verificar a verdade do confessado, pelo que traz de comportamento, porque ao confessar realiza-se a ação confessada, no dizer de Agostinho<sup>4</sup> que coisas foram feitas com palavras.

A confissão de fé, a partir da perspectiva dos pobres se veicula através de registros de linguagem acessíveis que por si mesmos expressam uma convicção originada a partir das práticas. Seria interessante a análise das expressões mais simples e mais cotidianas da linguagem popular como "Seja feita a vontade de Deus", "Deus verá", "Seja o que Deus quiser", "Se Deus quiser", a partir de uma matriz gerada desde a filosofia da linguagem ordinária<sup>5</sup>. Porque estas expressões, mais do que causarem uma alienação porque favoreceriam a passividade dos pobres e sua acomodação à opres-

---

irmã não tem o que vestir e que lhes falta a comida de cada dia; 16 se então algum de vós disser a eles: Ide em paz, aquecei-vos" e "Comei à vontade", sem lhes dar o necessário para o corpo, que adianta isso? 17 Assim também a fé: se não se traduz em ações, por si só está morta.

<sup>3</sup> São Tiago 2,18: Pelo contrário, assim é que se deve dizer: "Tu tens a fé, e eu tenho ações! Mostra-me a tua fé sem as ações, que eu te mostrarei a minha fé a partir de minhas ações! 19. Tu crês que há um só Deus? Fazes bem! Mas também os demônios creem isso, e estremeçam de medo. 20. Queres então saber, homem fútil, como a fé que não se traduz em ações é vã?"

<sup>4</sup> AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. Oxford: Oxford University Press, 1962.

<sup>5</sup> KATZ, J. J. *Filosofia del language*. Barcelona: Martinez Roca, 1971, p. 66: "O que a filosofia da linguagem ordinária pretendia, ao contrário, era que as linguagens naturais estejam perfeitamente bem, tal como se encontram, enquanto se empreguem com propriedade, que dizer, da maneira ordinária. As confusões conceptuais são consequências de aberrações no seu uso. A restauração do uso normal, ordinário, as esclarece automaticamente, demonstrando assim que as especulações metafísicas que brotam dessas confusões carecem de base, não porque não possam surgir em alguma linguagem artificial, mas

são por parte dos sistemas dominantes, são a única possibilidade de continuar na vida com sentido e não claudicar diante da rapina e da voracidade da imposição, aos diversos povos do continente, de políticas neoliberais e de livre mercado que geram e aumentam a pobreza e a violência institucionalizada.

A confissão de fé pressupõe a fé<sup>6</sup>. O que afirmo com o anterior? Que suponhamos uma revelação que nos é dada na gratuidade. É Deus mesmo que vem ao nosso encontro. A fé assim é uma resposta, pelas práticas, a uma oferta de sentido que me ultrapassa, porém se supõe que essa oferta se recebe e concomitantemente, com sua aceitação, originam-se consequências éticas, minha vida, meu comportamento, meu agir cotidiano e social são afetados<sup>7</sup>. Portanto, afirmar que a confissão de fé, pré-supõe a fé, não é um círculo vicioso mas um círculo hermenêutico, no mais autêntico sentido da expressão. Não é outro o significado da expressão da citada Carta de São Tiago “mostra-me tua fé e eu te mostrarei, por minhas obras, minha fé” (Tg 2,18).

Antes de continuar, quero clarificar um assunto que não duvido que esteja na consciência do leitor. Não se estará horizontalizando a confissão? Desconfigurando o seu sentido transcendente? Estas dúvidas não nego que possam originar-se a partir de reflexões feitas até o momento, por isso quero ir um pouco mais longe estabelecendo a necessidade, em teologia, como na vida mesma que vamos vivendo cada dia, de superar os dualismos excludentes de bom e mal, espiritual e material, imanente e transcendente. Se algo é claro desde o paradigma da complexidade, é constatar que a realidade é muito mais que a simples exclusão de contrários porque a bondade se entrelaça com a maldade, a espiritualidade com a materialidade e a transcendência com a imanência<sup>8</sup>. Se reconhecemos que o Filho eterno

---

porque não surgem em uma linguagem natural usada com propriedade. Por conseguinte, é necessário tratar de estabelecer convenções linguísticas de uma perfeita precisão formal em uma linguagem artificial para corrigir aberrações no uso da mesma. Estas correções seriam levadas a cabo mediante uma forma de análise e tratamento filosóficos, que diferem dos praticados pelos empíricos lógicos, ao concentrar-se na explicação dos fatos linguísticos”.

<sup>6</sup> Que Jesus seja Deus é uma afirmação que não pode ser concebida sem a fé. Cf. GESCHÉ, A. La confession christologique “Jésus, Fils de Dieu”. Etude de théologie “speculative”. In: DONDEYNE, A.; MOUSON, J. (Eds). *Jésus Christ, Fils de Dieu*. Bruxelles: Facultés Universitaires Saint-Louis, 1981, p. 175-216.

<sup>7</sup> RAHNER, K. “Para mim, pois, o único e verdadeiro coração do cristianismo e de sua mensagem é a comunicação que Deus faz realmente de si mesmo aos seres criados. É confessar a mais inaudível das verdades: que o próprio Deus – com toda a sua realidade e glória infinitas, com sua santidade, liberdade e amor – pode realmente, sem a menor redução, chegar até nós, entrar de cheio em nossa existência de criaturas”. Conferência em homenagem a Rahner realizada pela academia católica de Friburgo em 12 de fevereiro de 1984, por ocasião de seu aniversário de 80 anos.

<sup>8</sup> Cf. ASSMANN, H. *Paradigmas ou cenários epistemológicos complexos?* In: ANJOS, Marcio Fabri dos (Org.). São Paulo: Loyola, 1997, p. 41-66.

de Deus Pai, a Palavra que existia desde o princípio e que era Deus (prólogo do Evangelho de João) se fez carne e habitou entre nós, então é desde a revelação mesma dos santos evangelhos que a encarnação remete para a realidade indissociável do logos eterno em Jesus Cristo, Deus e homem verdadeiros<sup>9</sup>.

A encarnação é o mistério inefável da transcendência na imanência desta história de fragilidade e caos. Deus se fez humano para divinizar e assim a condição divina não exclui senão que possibilita crer que se fez "um de tantos"; o que é claro para o autor de Filipenses, porque o ser de condição divina, não impede este fazer-se um de tantos e sim o fazer alarde da categoria de Deus<sup>10</sup>. Esta íntima relação entre a transcendência e a imanência é a que se exprime desde a fé popular quando se descobre na trágica realidade do cotidiano, porém igualmente na festa e na algazarra que Deus está ali e isso é belo.

Considerar, portanto, que a fé é um modo de ser, uma forma de posicionar-se face a si mesmo/a, diante da sociedade e da criação, conduzida pela palavra evangélica, é descortinar um sentido maior da fé que vai além da aceitação cognitiva de verdades ou mesmo sua compreensão e assimilação racionais na direção de captação que comporta práticas, não só consequentes, mas concomitantes ao ato de confessar<sup>11</sup>. Quando digo "creio", não só afirmo uma verdade, mas realizo a ação de crer no dito e esta ação traz consequências para mim e para os/as demais a partir, como meu posicionamento face à sociedade, à cultura e à criação. A porta da fé se abre a partir da aceitação da Palavra para ser praticada. A metáfora da porta é assumida pelo Santo Padre Bento XVI, para expressar a sua compreensão, apontando que "cruza-se esse umbral quando se anuncia a Palavra de Deus e o coração se deixa plasmar pela graça que transforma. Atravessar esta porta supõe empreender um caminho que dura toda a vida"<sup>12</sup>.

Eu refleti acerca desta interpretação a partir da experiência de ter visto o cuidado e o respeito pela criação dos indígenas do continente, a veneração

<sup>9</sup> SOBRINO, J. *Cristología desde América Latina*. Mexico: CRT, 1977 colocou o assunto da fé de Jesus como uma questão que poderia ser polêmico assinalando que a fé de Jesus, entre aspas, teria raízes no Novo Testamento e na história da teologia moderna, p. 68ss.

<sup>10</sup> Epístola do apóstolo Paulo aos Filipenses 2,5: Haja entre vós o mesmo sentir e pensar que no Cristo Jesus. 2,6 Ele, existindo em forma divina, não se apeçou ao ser igual a Deus, 2,7 mas despojou-se, assumindo a forma de escravo e tornando-se semelhante ao ser humano.

<sup>11</sup> "No Novo Testamento e ao longo da história a fé em Jesus Cristo não significa só tomar posição ante sua realidade (divina e humana), mas expressar, de maneira nova, o que é essencial a toda a fé religiosa: tomar posição ante a totalidade da realidade" (SOBRINO, J. *La fe en Jesucristo: ensayo desde las víctimas*. Madrid: Trotta, 1999, Introdução).

<sup>12</sup> BENTO XVI, Papa. Carta apostólica *Porta fide*, 1.

de seus lugares e a preservação das fontes de água, dos peixes dos rios e do mar, da vegetação, porque veem na Pacha Mama, a expressão de Deus.<sup>13</sup> Isto se remete, igualmente, ao mandato divino de preservar uma criação que nos foi dada, para transformá-la em favor da construção da humanidade e não para depredá-la, destruí-la e degenerá-la em favor dos interesses do capital e de uma compreensão do desenvolvimento sustentável, que se alicerça em manter o conforto e as comodidades de povos, afetando o habitat de outros.

Igualmente, esta reflexão, eu a faço a partir da experiência das comunidades afro-americanas, amantes dos ancestrais e veneradoras das tradições dos antepassados, como os indígenas também o fazem. O ritmo e o tambor expressam não só o sentimento e a cadência da dança, mas também o ritmo da vida, de forma que compreendemos por que isto ajuda a superar a dor e provoca a reanimação do que pode estar fragilizando a existência. O sentido do ritmo e da dança que Deus cantou nas expressões religiosas afro se unem de maneira isomorfa à experiência do povo de Deus que compôs os salmos para ser cantados e dançados. A fé das comunidades afro-americanas celebra os santos e celebra Deus na alegria e na algazarra, além de uma religiosidade cerebral e fria. Expressa-se uma experiência religiosa que invade a existência de alegria porque as tragédias não podem ser maiores do que o desejo de viver<sup>14</sup>.

As experiências cotidianas nas comunidades populares dos bairros periféricos de uma grande cidade como Bogotá, onde a luta diária pela subsistência, pelos salários de fome, e pelas poucas possibilidades de educação, moradia e saúde, não foram maiores que a vontade inexpugnável de continuar, de progredir, de ser alguém na vida e de gerar para os filhos condições de vida melhores das que os pais e mães puderam ter. Isso é fé que une à confissão a prática cotidiana, é afirmação de um modo de ser onde Deus está presente na luta de cada dia. Portanto, o que foi dito nesta reflexão se fundamenta no que vi com meus olhos e apalpei com minhas mãos, e do qual faço uma leitura analítica.

A confissão de fé supõe abertura a um dom, àquilo que nos vem dado gratuitamente sem merecimento, de uma atitude dos pobres deste mundo, que não é pretenciosa nem jactante, que não se sente com maiores direitos ou aplica tribunais de racionalidade que impeçam a acolhida generosa. Por

<sup>13</sup> LOPEZ, E. *Caminos de la teología india*. Mexico: CENAMI, 1997: "Frente aos demais seres da criação, o homem e a mulher somos chamados a manter a harmonia do cosmos, com um respeito e uma relação harmônica com tudo quanto existe dentro dessa mediação da presença e da vontade divina, que é a natureza. Quando os seres humanos não cumprimos este dever vem o desastre. Deus, como energia de vida, é pródigo em generosidade, mas também imprescindível em sua capacidade de destruição".

<sup>14</sup> Cf. HERRERA QUINONES, A. *Teología afroamericana. Conceptualización para una propuesta de elaboración*. Centro Cultural Afro Ecuatoriano, 2008.

isso não traz em si uma negação da necessidade que têm os conteúdos das formulações de fé de ser confirmados, “compreendidos e aprofundados de maneira sempre nova com a finalidade de dar um testemunho coerente em condições históricas distintas das do passado”<sup>15</sup>. Precisamente porque as condições históricas são diferentes do passado se faz necessário desentranhar a relação com a prática, o conteúdo ético constitutivo da confissão de fé, a maneira dos pobres do continente e de todos os continentes onde se assume a fé a partir da experiência de seguimento de Cristo, o Senhor. Quando dizemos que este conteúdo a constitui, não estamos negando nem desvalorizando o componente epistemológico, mas ao contrário estabelecendo a relação entre o confessado e o vivido<sup>16</sup>.

### *A fé como experiência de minoria*

Os diversos sistemas de poder que sobrepujam a humanidade contemporânea, não são para construir uma aldeia global, mas para a consolidação de hegemonias de poder sustentadas durante muitos séculos; como dominação dos poderosos sobre os mais débeis e de uns povos sobre outros. Estruturas de pecado que foram se impondo e justificando, inclusive com o recurso da suspeita de ser partidários de ideologias totalitárias, contrárias à fé, quando defende a justiça e o direito, pela defesa do sul, por nova ordem do mundo onde todos tenhamos possibilidades de ser e não só de depender e ser vítimas da exploração das riquezas naturais e da substituição das culturas originais. Ideologias que justificam as multinacionais que como verdadeiros “para-estados” controlam as políticas e impõem seus interesses, não importando a depredação do habitat nem a poluição ambiental<sup>17</sup>.

Os pobres vivem a sua fé desprovidos de poder, sabem que não podem muitas coisas e devem assumir a carência como parte da cotidianidade da vida. Por isso, aos pobres só resta a Deus como poder que possibilita viver. Chamou-me a atenção uma história que contou uma estudante de teologia em um dos meus cursos de Mistério de Deus: numa região da costa colombiana, os grupos paramilitares realizaram um massacre, no qual assassinaram mais de quinze pessoas. Uma senhora, cujo marido e dois filhos ti-

<sup>15</sup> BENTO XVI, Papa. *Porta fidei*, 4.

<sup>16</sup> Cf. CRUZ, E. F. Novas epistemologias científicas e teologia. In: Teologia aberta ao futuro. São Paulo: Loyola, 1997, p. 67-76. Na mesma obra ALMEIDA, A. J. de. *Os desafios dos novos paradigmas para a prática teológica*.

<sup>17</sup> América Latina e Caribe será a zona mais castigada pela deterioração ambiental dentro dos próximos 30 anos, destacou o informe “Perspectiva del Medio Ambiente Mundial – 3” (GEO 3), divulgado, quarta-feira 10 em São José, Costa Rica, pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA). Os trabalhos de L. Boff são igualmente significativos. Cf. BOFF, L. *La opción tierra*. Santander: Sal Terrae, 2008; \_\_\_\_\_. *Evangelio del Cristo cósmico: hacia una nueva consciencia planetária*. Madrid: Trotta, 2009.

nham sido assassinados, clamava ao Senhor dizendo que os ajudasse a aceitar a sua vontade. A religiosa lhe disse que não devia pensar no que ocorreu como sendo algo desejado por Deus. A mulher lhe respondeu: "Irmã, deixe-me pensá-lo e vivê-lo do meu modo, porque se penso e assumo como você o faz, não posso resistir com vida a esta tragédia". Logo, Deus era o único que esta mulher tinha para poder viver o absurdo de um país onde uma guerra que tem mais de sessenta anos, continua destruindo a vida de camponeses pobres.

A lógica da fé popular é a da minoria diante do que não é racionalmente assimilável. Deus é Deus dos pobres, não uma afirmação romântica. Muito menos uma afirmação política que justifique qualquer opção ideológica, senão a única possibilidade de viver que resta aos pobres. Sem a fé, sem a força que vem desse saber que Deus está aí, no coração da vida, não é possível continuar vivendo tanta crucifixão cotidiana. E isso ultrapassa algumas maneiras de compreender a realidade e o próprio Deus, mas disso a fé dos pobres dá razão, uma vez que se sustenta na própria fragilidade da existência e não nas possibilidades geradas a partir do poder.

A crise de fé pela qual passam algumas regiões da humanidade, que pode se projetar perigosamente sobre os povos que viveram dependências econômicas, sociais, tecnológicas, políticas, ideológicas e teológicas dos povos do norte, não verá uma nova notícia de Jesus e a partir do Deus revelado em Jesus, se não assumem a atitude minoritária dos pobres que descobrem na simplicidade, no pequeno, no frágil, nas impotências diante do poder e do poderoso, a força que vem de Deus para poder avançar, para seguir andando, não mais<sup>18</sup>. Andando, sem saber muitas vezes para onde conduz a trilha ao caminhar. Contudo, seguros/as da presença de Deus neste caminho.

É possível captar o que nos vem a partir de uma revelação na história de Jesus, confessado como Senhor e Cristo. E que nos revelou a Deus a quem chamava de Pai; e ao Espírito, um com Ele e o Pai. A fé trinitária é um dom que acena para o mistério de um Deus que se fez carne, que não se identifica com o poder do "único", do monarca, senão com a comum unidade dos divinos diversos e unos. Em divina pericorese, a fé trinitária se faz história na experiência dos humildes e simples que vivem a unidade comum, passando por suas tragédias históricas.

---

<sup>18</sup> Friedrich Gogarten (*La Realidad de la Fé*, 1959), Paul van Buren (*El Significado Secular del Evangelio*, 1963), Harvey Cox (*La Ciudad Secular*, 1965), Ronald Gregor Smith (*El Cristianismo Secular*, 1966), e os teólogos da "morte de Deus" são exemplos daqueles que têm seguido um curso de ação possível ao reexpor o cristianismo em termos de um mundo secular.

## *A fé como experiência de resistência*

Do que constitui a lógica da fé dos pobres, o que me apaixona é a sua capacidade de resistência. Resistência aos sistemas econômicos, às ideologias dominantes e mesmo às teologias do poder. A fé popular resiste aos embates da brutalidade dos sistemas. Famílias que recebem um salário de fome e, no entanto, progridem e fazem com que seus filhos cheguem a ser profissionais porque “têm fé em Deus”, porque se confiam nele, tudo é possível. Certamente que é possível romper com a lógica do grande capital, do poder financeiro, das estatísticas e dos índices inflacionários. Os pobres, apesar de terem salários com os quais não seria possível subsistir uma família com três ou quatro filhos, não só o fazem mas conseguem progredir. É a palavra transformando a vida. Uma palavra que se escuta na imediatez e se compreende como relato<sup>19</sup>, como narração que toca a existência. Onde a argumentação mais profunda não está alicerçada na compreensão, mas no testemunho de uma vida que acena para possibilidade de tudo o que a fez é capaz, muito além dos poderes deste mundo.

Seguramente os povos da América Latina e Caribe não conseguiram a independência e a autonomia de dirigir os seus destinos na livre determinação de suas sociedades. As intervenções externas de outros países e poderes transnacionais, explícitas ou camufladas, impediram o livre desenvolvimento de alternativas diversas à hegemonia do grande capital e os sistemas estabelecidos consolidaram as políticas neoliberais. Mas, os pobres, não só aumentaram em número<sup>20</sup> mas igualmente foram subsistindo e gerando outras alternativas, a partir de sua capacidade de crer que Deus é sempre maior e que, o que não podemos os seres humanos, Deus o pode. Isto, que pode ser considerado estado primitivo de desenvolvimento do pensamento<sup>21</sup> é o que considero “vontade de viver” fundamentada pela fé em Deus que salva. Para além da racionalidade econômica dominante, os empréstimos nas lojas ou pequenos comércios populares, as iniciativas comunitárias, os empréstimos para resolver problemas de acesso ou ajudar em toda uma série de iniciativas de economia solidária, que puderam ser alternativas de saída aos salários de miséria, há uma plataforma que sustenta para avançar nas dificuldades: a fé de que Deus está presente.

Os setores populares das grandes cidades são lugares de cultivos de formas diversas de violência: gangues, delinquência de rua, assaltantes; toda uma gama de associações de violência de vítimas e assassinos; mas não é

<sup>19</sup> A palavra de Deus em sua capacidade de transformação é a busca da investigação sobre a leitura intercultural da Bíblia, promovida em nível mundial desde a área de Teologia da Universidade Livre de Amsterdan.

<sup>20</sup> Cf. STIGLITZ, J. *El precio de la desigualdad*. Taurus, 2012. Aí se mostra que se esquece o fato de que 1% da humanidade vive às custas da pobreza de 90% da população mundial.

<sup>21</sup> Considerando que a humanidade tem evoluído do mítico religioso ao técnico científico positivo passando pela racionalização.

possível desconhecer os fortes vínculos de associação que se dão entre estes grupos; e são tais vínculos que, em múltiplas ocasiões os permite subsistir e permanecer. Certamente eles realizam ações violentas que ferem outras pessoas, como o roubo e a intimidação, por exemplo. Mas, nessas mesmas experiências podem integrar a solidariedade de corpo e a atenção ao outro/a que chegam até à entrega da vida pelo amigo/a. Não é outra a explicação por que muitos delinquentes e jovens pobres, vinculados a grupos criminais, têm igualmente comportamentos de religiosidade e utilizam símbolos religiosos e jaculatórias, que são evidente contradição entre seus delitos e o significado oficial da fé que afirmam ter.

O que foi dito anteriormente pode nos levar a julgar – com muita rapidez – que as expressões da fé do povo são superficiais ou falsas. Ainda podemos duvidar da existência de uma fé real. Distante de tais considerações, penso que a fé, ao contrário, está tão enraizada na profundidade do ser, que as contradições do que se deve viver, dadas as circunstâncias que compõem a vida, integram-se na experiência que não pode excluir Deus de nenhuma realidade da existência. Com esta afirmação, quero mostrar que algo da experiência de Israel que não separa a Deus das circunstâncias mais contraditórias da história, vive-se a partir da experiência popular da fé. Como Israel via Deus em tudo e Jesus de Nazaré na tradição evangélica mostra que até os cabelos da cabeça estão contados (Mt 10,30), a fé dos pobres – como um modo de viver e ser – integra, em uma complexidade que ultrapassa determinadas compreensões de que certa possibilidade de marcar a distância exata entre o bom e o mal, o pecaminoso e o gracioso, para colocar-nos no horizonte da expressão paulina “visto que não faço o bem que quero e faço o mal que não quero” (Rm 7, 19-25) e no sentir que maior é a graça quando maior é a debilidade (2 Cor 12, 9a).

Esta experiência da fé como resistência é paradoxal porque nos situa nos limites de uma certa a-lógica que é a lógica própria da narrativa bíblica. Os relatos da Escritura não correspondem sempre à lógica bipolar entre o bom e o mau, o santo e o profano. Tanto em Agostinho como no Novo Testamento, a narrativa como mediação para expressar a ação de Deus na história, consolida-se como polissêmica. Esta pluralidade de significados, que podem veicular-se através de um relato, não se concatenam de forma dedutivamente precisa. Antes, situam-se do lado de uma complexidade que se orienta para uma compreensão de sentidos diversos que exigem uma hermenêutica da narração que revela horizontes diversos, não só de compreensão, mas também de sentido. A resistência que caracteriza a fé popular parece ser a expressão desta realidade, pecado e graça, limitação e fragilidade para continuar na existência apontando horizontes que possibilitam viver da fé<sup>22</sup>.

<sup>22</sup> Faço referência à seguinte expressão de Monsenhor Oscar Arnulfo Romero no ato acadêmico no qual recebeu o título de Doctor Honoris Causa na Universidade Católica de Louvain (Bélgica) em 2 de fevereiro de 1980: “Cremos em Jesus que veio trazer vida em plenitude e cremos em um Deus vivo que dá vida aos homens e quer que os homens

## *A fé como experiência do maravilhoso*

A vivência minoritária e a resistência diante da dor, da tragédia e mesmo da morte, apontam para a maravilha de crer. É maravilhoso que, mesmo não tendo o que comer; nem oportunidade para educar os filhos ou oportunidade de se descontraírem e divertir-se; ou seja, não tendo o que consideramos mínimas condições de vida como seres humanos, permaneça-se agarrado à vida e aos sentidos mais profundos porque se confia em Deus.

O maravilhoso da fé se encontra no fato de que possibilita continuar a existência, dando sentido ao cotidiano, apesar dos mecanismos de opressão e vitimização que os diversos sistemas estabelecidos pela humanidade contemporânea possam gerar. Os mais felizes são os pobres deste mundo porque eles, não só não lidam com a racionalidade ao modo dos que temos maiores acessos à cultura e aos bens, mas porque a simplicidade com que se vive a existência, possibilita-lhes maravilhar-se diante da bondade de Deus, manifestada em tudo o que se passa. Desta forma compreendemos o sentido fundamental da expressão: "felizes os pobres, porque deles é o Reino dos Céus" (Lc 6, 20).

É maravilhoso que se possa festejar e dançar depois de passar toda a semana em uma mina, em um edifício em construção ou em qualquer outro ofício exigente dos que correspondem aos pobres. A capacidade de celebrar, de alegrar-se, de sentir a bondade do que existe, não pode ser compreendida a não ser a partir da experiência de resistência e vivência da minoria como maneira de ser no mundo. As Escrituras nos orientam para esta capacidade de maravilhar-se e de encantar-se diante da criação e da própria vida, porque a terra está cheia das criaturas de Deus e de sua beleza (Sl 103). Por isso, a criação é um canto a Deus para os que têm sensibilidade diante da terra, tomam banho nos rios que ainda não foram contaminados pelos bárbaros civilizados; os que dormem sobre os penhascos ou despertam nas manhãs com a suave carícia do sussurro cadencioso das ondas do mar. Tudo é maravilhoso, porque tudo vem de Deus.

A tecnificação e o desenvolvimento de alguns conhecimentos das ciências geram, não poucas vezes, uma dureza diante da vida e uma compreensão da criação como objeto manipulável. A profunda crise ecológica, manifestada na mudança climática é sinal do desrespeito pela maravilha da criação. Os pobres se distraem no topo de uma montanha, contemplando o horizonte desconhecido ou ficam inúmeras horas conversando na orla do

---

vivam em verdade. Estas verdades radicais da fé se fazem realmente verdade e verdades radicais quando a Igreja se insere no meio da vida e da morte de seu povo. Aí se apresenta à Igreja, como a todo homem, a opção mais fundamental para sua fé: estar a favor da vida ou da morte. Com grande clareza vemos que nisto não há possível neutralidade".

mar ou banhando-se nos rios, sem controlar o tempo. O vínculo à natureza é graça e não só desejo de controle. Uma relação com a natureza como dom, como gratuidade que se expressa na maravilhosa constatação de que "Deus viu que era bom" (Gn 1,11). A alegria de disfrutar, de se extasiar, de viver o imediato e vivê-lo intensamente, faz parte da maneira de ser dos pobres, da sua antropologia, se se pode dizer assim. Existe um modo de ser dos pobres que se vincula à fé de forma intuitiva e direta, que não argumenta, mas relata, que não polemiza, mas testemunha, que não se erige no tribunal da racionalidade, mas na serena vivência que contempla e conclue: Deus é o máximo!

Uma pergunta me vem à mente neste momento: no fim das contas, o que será o mais importante com relação ao sentido da vida? O descobrir que não estamos jogados na existência pela absurda casualidade do azar, mas que somos seres humanos criados/as, criadores/as e, portanto, a criação e nossa capacidade de criar, são expressão da mesma condição de haver sido criados à imagem do Criador<sup>23</sup>. Porque não só os céus contemplam a glória de Deus e o firmamento anuncia as obras de suas mãos (Sl 19,1), mas também a humanidade, do simbólico relato dos pastores que, na manjedoura, contemplaram a glória de Deus (Lc 2,15-20); até a confissão de fé do centurião ao pé da cruz (Mt 27,54), pode reconhecer, nos pobres e humildes da terra, a presença dos favoritos do Reino.

Não se trata de uma lírica exaltação da pobreza, um mal em si mesmo, mas do reconhecimento da antropologia dos pobres e de sua capacidade de viver a fé de outra maneira. O modo de ser que se constrói a partir das trágicas vivências da religiosidade vivida em condições de opressão, orienta a reflexão para a necessidade de descortinar as razões pelas quais hoje a Igreja reconhece com serena claridade que a opção pelos pobres pertence à essência da fé cristológica<sup>24</sup>. De modo que uma nova maneira de anunciar o Reino é re-situar a opção pelos pobres como condição que valida a verdade do que se confessa.

### *A fé unida à esperança*

Na cultura do poder e da segurança, não existem maiores possibilidades à esperança, porque se deseja ter tudo assegurado e evita-se, a todo custo, a incerteza. Mas, mesmo assim, a incerteza está à espreita e não podemos evitá-la<sup>25</sup>. O grande paradoxo da esperança está no fato de que ela é real

<sup>23</sup> Cf. GESCHE, A. *Dios para pensar, el mal, el hombre*. Salamanca: Sígueme, 1995, p. 233ss.

<sup>24</sup> Temos feito referência à afirmação a respeito de Bento XVI no discurso inaugural da Conferência de Aparecida.

<sup>25</sup> Cf. Em meu livro *Dios, presencia inquietante*. Bogotá: Indo America Press, 2000 desenvolvo este assunto da incerteza no primeiro capítulo.

quando não existem motivos para se esperar ou quando as condições vividas indicam o contrário do que queremos ou esperamos ter ou conseguir. O relato acerca da mãe que não tinha nada para dar de comer aos seus três filhos e para distrair a sua fome até que ficassem rendidos pelo cansaço pela espera, colocou na panela umas pedras, para que o seu som, ao ferver, alimentasse a esperança das crianças de que, em algum momento, estaria pronta a sopa, perturbou a minha consciência. Mas, ao mesmo tempo, mostrou-me por onde caminha a esperança. Apesar de que as pedras jamais se convertam em alimento, é possível esperar que, em algum momento, chegue a sopa. É a vontade obstinada de continuar acreditando que o impossível é possível porque o impossível só é possível para Deus. Para Ele, tudo é possível (Mt 19,26).

As atuais condições da humanidade, as situações do continente, com suas surpresas e peculiaridades. Por exemplo, a existência de algumas expressões de governos reclamando e implantando medidas que mostram independência frente aos países que se autodenominam desenvolvidos, os condicionamentos que os nossos povos têm por parte dos "para-poderes" mundiais, como os organismos de financiamento, as multinacionais e todos os processos de concentração neoliberal das economias, com sua crise que afeta todos os integrantes da sociedade, mas deixa imunes os grandes poderes do mundo. Todos estes fenômenos contemporâneos aumentam a perda da esperança, com relação à possibilidade de oportunidades para os pobres.

Contudo, ainda que os assuntos de macroeconomia afetem em primeiro lugar às mínimas economias dos pobres, estes mantêm a esperança como única possibilidade para a vida. Não se pode viver sem esperança, não é possível continuar nos caminhos da vida se não cremos que as situações de hoje podem ser diferentes amanhã, ainda que não se veja como algo possível<sup>26</sup>. A fé em Deus, no Cristo doloroso e ensanguentado, no Menino Jesus, na Mãe das Dores, na Virgem de Guadalupe ou na Caridade do Cobre, mantêm atados à esperança de que amanhã será, sem dúvida, melhor. Evidentemente que todas estas expressões da fé popular podem ser analisadas, julgadas e interpretadas como alienação, como saída de si por impotência diante da complexidade do que está estabelecido. No entanto, isso só é possível partindo de lógicas distintas à lógica interna da fé dos pobres.

Manter a esperança é a maior possibilidade para a fé, porque se crê naquilo que a ação de Deus, mais poderosa que os poderes deste mundo, alcança; e é possível avançar na serena certeza de não ser aniquilados. Por isso,

<sup>26</sup> Não são poucas as análises que propendem por outro mundo possível. Cf. *Revista Alternativas*. Managua, n. 28, jul./dic. 2004.

a esperança é o último que se perde, diz o dito popular latinoamericano. Esta expressão é de profunda densidade porque mostra o lugar fundamental onde a fé e a esperança se abraçam e se constituem no existencial que possibilita o ser.

### *A fé se conhece no amor*

Poucos lugares sobram para a solidariedade e a comunitariedade nas egoístas expressões das culturas contemporâneas. Deus é amor e os que vivem no amor, vivem em Deus e Deus neles, expressa João, o evangelista, com destreza (1 Jo 4,16). E, na verdade, a fé se realiza na vida cotidiana, nas expressões que apontam a presença do amor. Da paixão incontida que leva uma jovem a se lançar na aventura de construir um lar e trazer vidas ao mundo – mesmo sem um trabalho ou salário digno – até a grandeza de manter os anciãos na casa, amá-los e cuidá-los com carinho; além de assumir as carências em ajuda mútua, mesmo quando parece impossível viver nas condições a que são obrigados os pobres deste mundo.

Escutei mais de uma vez a expressão de Gustavo Gutierrez<sup>27</sup> “é preciso que nos perguntemos: onde dormirão os pobres esta noite?” E todos temos as respostas: os pobres dormirão na rua das grandes cidades, nos casebres no campo ou nas favelas que estão nas encostas das montanhas. Os pobres dormirão no descampado ou amontoados no alto dos Andes, em uma casinha de barro e palha. E nestas realidades, que não são mais do que a consequência de sistemas iníquos, florescem a solidariedade e o amor.

Certa vez, quando um setor popular de Bogotá foi inundado, uma mulher, mãe solteira com três filhos, hospedou em casa a um surdo-mudo, até que um de seus parentes apareceu. Esta mulher não tinha salário fixo, porque lavava e passava roupas nas casas de ricos e o que ganhava não era suficiente para comer todos os dias. Neste gesto estava a expressão evangélica de se dar o pouco que tem (Mc 12, 38-44); e se os gestos de solidariedade e de amor que se sacrifica, desaparecem cada vez mais da cultura pós-moderna, então faz-se necessário continuar olhando para o universo solidário dos pobres, para, a partir deste universo, continuar aprendendo a viver o Evangelho. Sacrificar o que se é e tem – para doar-se – é o que a tradição interpretou na morte de Jesus.

A fé é, assim, a práxis do amor. Uma confissão que realiza a sua verdade na medida em que, fazendo o que se faz com o próximo, sente-se que é a

<sup>27</sup> Peruano, autor de *Teología de la liberación: perspectivas*, Salamanca: Sígueme, 1972, considerada a obra a partir da qual se gera todo um novo desenvolvimento da teologia latino-americana e caribenha.

Deus mesmo que se faz.<sup>28</sup> "Todas as vezes fizeste com um destes pequeninos dos meus irmãos, a mim mesmo o fizeste" (Mt 25,31-46), afirma Jesus no Evangelho. Ressonância do amor que, na revelação neo-testamentária, é a perfeita descrição de Deus e a ação do crente, que define a salvação. Fé e amor não são separáveis porque, a partir do que denominamos lógica da confissão de fé, os níveis afirmativos de convicção, são concomitantes com as ações consequentes, próprias do que é confessado.

### *Evangelizar de novo*

A urgência de uma nova evangelização está apresentada, não porque alguns povos da humanidade contemporânea vivem sérios problemas de secularização e de banalização da experiência religiosa até análises que chegam à afirmação de uma era pós-religiosa que se aproxima, inexoravelmente. Mas, sobretudo porque a proposta de fé – concretamente a fé cristã – urge historicização de forma que o Reino vá se fazendo presente já. Considero que as análises com relação ao fim da era religiosa, com todo o respeito que elas merecem, estão em contradição com as práticas da maioria das regiões do planeta, onde o religioso, não somente é importante, mas se constitui no fator que possibilita ações inusitadas e impensadas para as mentalidades secularizadas e pós-religiosas<sup>29</sup>.

Um dos fatores de dependência que vale lembrar é a dependência ideológica que caracterizou os povos latino-americanos e caribenhos; por exemplo, que nos leva a analisar a humanidade como se só existisse ocidente e a considerar que os fenômenos das culturas ocidentais são os predominantes na maioria da humanidade. Isto não é verdade. Ásia, África e América não vivem o processo de secularização e deslocamento da questão de Deus e do religioso como vivem alguns povos europeus ou do assim chamado primeiro mundo. Logo, tal análise merece mais atenção nos detalhes.

A nova evangelização traz consigo o anúncio do mesmo: a Boa Notícia do Reino. Esta ordem atual das coisas deve ser substituída pela nova era, na qual imperem a justiça e o direito. As propostas de um novo mundo, de uma nova ordem, que tomam corpo e força na humanidade atual<sup>30</sup> apontam para uma nova estruturação das sociedades e para um modelo diverso

<sup>28</sup> Não desconheço a polêmica gerada pela acusação acerca da pretendida identificação de Deus com os pobres. Assunto que tem, a meu ver, sua origem na compreensão clássica de identidade e identificação como igualdade essencial. Seria interessante aprofundar em outros sentidos da expressão desde a teoria da identificação.

<sup>29</sup> Não podemos desconhecer o componente religioso dos fatos de 11 de setembro. A esse respeito são sugestivos as colocações feitas por PALACIO, C. Novos paradigmas ou de uma era teológica. In: ANJOS, Marcio Fabri dos (Org.). *Teologia aberta ao futuro*. São Paulo: Loyola, 1997, p. 77-98. Ver também a *Revista Alternativas de Managua*. Crisis de la religión en Europa: ¿Nuevo lugar teológico? *Editorial Lascasiana*, n. 29, ene./jun. 2005.

<sup>30</sup> Impulsionadas fundamentalmente pelos Foros Sociais Mundiais.

de desenvolvimento que torne sustentável e possível a existência humana no presente e futuro. A utopia do Reino se consolida, desta forma, no anúncio primordial de uma nova evangelização onde a esperança contra toda esperança se fortalece pelas ações amorosas de justiça, que fomentem relações e processo de fraternidade.

Apontar para um outro mundo, para uma realidade mais próxima ao Reino é orientar o olhar e as ações, que resgatem a inviolabilidade da criação e da humanidade. Porque Deus existe, porque a criação – o seu dom, porque os seres humanos fomos divinizados em Cristo; por tudo isso, o mundo de hoje tem que superar os sistemas de iniquidade e avançar para modelos alternativos de constructos sociais que superem a desordem criada atualmente. Pela fé, porque a partir do grito das vítimas das políticas vigentes, escuta-se o grito de Deus e se exige uma proposta que divinize o existente<sup>31</sup>.

Da educação da experiência religiosa que a experiência popular oferece, a nova evangelização aponta para a necessidade de se identificar, na complexidade da realidade, os sentidos subjacentes àqueles aparentes. Ir à profundidade, no núcleo do ser, onde Deus está. Isto é anunciar uma novidade a mundos que hoje estão no risco de assumir ideologias e formas de secularização que não lhes correspondem, porque os povos do Terceiro Mundo, temos sensibilidade história próprias. Entre nós se dá uma espécie de mescla entre as dimensões simbólica e racional, do relato com a argumentação. No caso latino-americano, o simbólico e o rítmico indígena e africano se unem à racionalidade europeia. A miscigenação produz uma modalidade de ser que, alguns filósofos latino-americanos, denominaram "raça cósmica"<sup>32</sup>.

A nova evangelização será o anúncio do emaranhado de existências em que se unem os fatos mais nocivos à bondade mais agradecida. Desenvolver cada vez mais esta bondade e diminuir a negatividade é o desafio que se propõe a partir de uma nova proclamação do Evangelho. Nova no seu ardor, a nova evangelização supõe ministros/as apaixonados por Jesus e pelo Reino. Nisto consiste o ardor novo do qual falou João Paulo II em Santo Domingo ao impulsionar uma evangelização para a América Latina e Caribe<sup>33</sup>.

Uma evangelização que se centra na geração de atitudes, mais do que na apreensão de conteúdos ou memorização de formulações e orações. Uma busca para provocar atitudes que gerem comportamentos de acordo com a proposta evangélica, deve substituir processos de formação na fé que se concentraram na compreensão e na clareza, na pureza ortodoxa mais do que na ortopraxis que revela a verdade do que é confessado. A fé como

<sup>31</sup> SOBRINO, J. Op. cit.

<sup>32</sup> É o caso de Leopoldo Zea, por exemplo. Na mesma perspectiva de Augusto Salazar Bondi e desenvolvendo neste sentido muitas análises de tipo filosófico por parte de Enrique Dussel.

<sup>33</sup> JOÃO PAULO II, Papa. Discurso de abertura da Conferência de Santo Domingo.

maneira de ser e de viver, a confissão de fé que provoca uma ética, será, como nova dinâmica, a que propiciará, de fato, uma nova evangelização.

A V Conferência do Episcopado Latino-americano e Caribe, em Aparecida, foi clara ao apontar as deficiências de que padeceu uma evangelização que não provocou a criação de realidades novas e que, não poucas vezes, se reduz a um conservadorismo ou a uma repetição de fórmulas de fé sem correspondência com as práticas, tanto em nível individual como social<sup>34</sup>. O grande desafio da fé para o presente deste continente está na necessidade de se unir o epistemológico ao ético, a relação entre confessado e vivido, entre o pensado e o praticado.

### *Nova ministerialidade*

A vivência de uma fé constituída por confissão e práticas, acena para a igual renovação dos quadros ministeriais da Igreja. Considero que as propostas evangelizadoras que, lucidamente foram feitas em Aparecida, não se realizarão no continente sem uma renovação dos quadros ministeriais na Igreja; e um desenvolvimento de novos ministérios a partir da sacramentalidade batismal. Isto porque não podemos desconhecer o lento crescimento do número de ministros ordenados nas Igrejas e o envelhecimento galopante de muitos, o que repercute igualmente, pela formação recebida, no não suficiente entusiasmo e vitalidade para se enfrentar os desafios de uma mudança de época, igualmente apontada e claramente identificada<sup>35</sup>.

A nova evangelização supõe o exercício dinâmico de novos ministérios que se expressem em nova maneira de viver a ministerialidade ordenada; centrada na autocompreensão como servidor minoritário da evangelização, privilegiando a busca da construção de comunidades de vivência evangélica e a partir das quais se compreenda a celebração de fé que passa do sacramentalismo ou ritualismo sem compromissos evidentes à expressão comunitária da fé que pode se orientar para o testemunho que convence e provoca o desejo de viver uma experiência semelhante<sup>36</sup>. Porque ao se contemplar, com ações e não com palavras, a maneira como se ama nas pequenas comunidades, outros desejaram viver a mesma experiência.

Novos ministérios supõem o desenvolvimento de uma espiritualidade profunda, intensamente mística, na dinâmica que a CLAR tem mostrado a

<sup>34</sup> *Aparecida*, 100b.

<sup>35</sup> *Aparecida*, 44.

<sup>36</sup> Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Plaidoyer pour le peuple de Dieu*. Paris: Cerf, 1987; GONZÁLEZ FAUS, J.I. *Hombres de la comunidad: apuntes sobre el ministerio eclesial*. Santander: Sal Terrae, 1989.

vida religiosa nos últimos anos. Contudo, a partir de uma explícita e clara orientação ministerial. Ministros ordenados apaixonados pela pessoa de Jesus e pela causa do Reino. Disponíveis e dispostos, de verdade, a dar a vida inteira ao serviço minoritário do povo santo; capazes de renunciar à compreensão do ministério como poder e de se situar na dinâmica primordial do seu serviço a partir da vivência da Palavra.

Ministros/as leigos/as que assumam com responsabilidade apaixonada serviços relativamente estáveis, reconhecidos pelas comunidades às quais pertencem. Para os quais o importante não estará nas funções litúrgicas, mas na inserção em ambientes diversos, de tal forma que, se o seu serviço tem alguma expressão litúrgica, será porque tem uma determinada prática ministerial evangelizadora, promotora de comunidade.

A academia, o mundo dos trabalhadores, os grupos diversos, os setores da saúde, os migrantes de todas as partes, os pobres, os excluídos, os dependentes químicos, os anciãos e as crianças, os jovens e as mulheres prostituídas, tudo o que é expressão da pobreza gerada pelas estruturas dominantes, esperam uma presença ministerial renovada. Rostos descritos por Aparecida, que já haviam sido apresentados em Medellín e Puebla. A Igreja, toda ela ministerial, necessita do desenvolvimento desta ministerialidade que realmente provoque a comoção apontada por Aparecida<sup>37</sup>; que realize no continente uma presença renovada e renovadora da Igreja que, superando as suspeitas passadas e olhando para a novidade possível, se lance rumo ao futuro, na esperança de poder ser presença de Deus dos pobres na trágica e feliz realidade do continente que, além de ser o continente da esperança, está chamado a ser o continente do amor<sup>38</sup>.

Não é a minha intenção realizar a apologia da fé dos pobres e colocá-la como modelo paradigmático. Antes, gostaria de desentranhar um pouco da sua lógica, de maneira que descubramos o sentido de dizer que eles nos ensinam a viver o Evangelho. Pela radicalidade desta fé, por sua urgência e transparência, em condições de opressão, por ser vida crucificada que anuncia ressurreição. Confessando uma fé praticada, aproximamo-nos, de verdade, do Deus que é amor, à maneira dos pobres, desprovidos de muitas coisas, mas abertos ao que nos chega, à vida de Deus que se dá em plenitude, que habita na profundidade do que somos e que nos compromete na sublime paixão de fazer deste mundo seu Reino.

Uma palavra final acerca do ministério dos teólogos/as para uma nova evangelização: estamos chamados a ser, antes de tudo, testemunhos da fé que refletimos e buscamos aprofundar. Conscientes das mediações que o

<sup>37</sup> Aparecida, 262.

<sup>38</sup> Discurso do Santo Padre Bento XVI na abertura da V Conferência do Episcopado Latino-Americano em Aparecida.

nosso discurso deve assumir hoje, para que seja significativo; também dos registros de linguagem que devem ser utilizados, de forma que sejam acessíveis – não só aos especialistas – mas também ao povo santo<sup>39</sup>. O ministério dos teólogos/as na Igreja tem o seu lugar e o seu regime de autonomia e dependência. Não é e nem pode ser a nossa missão a simples repetição do já afirmado, mas a busca propositiva de respostas às diversas conjunturas da história do presente<sup>40</sup>.

Em diálogo sério, sereno e ponderado com o magistério, os teólogos/as, na Igreja, numa relação adulta, estamos chamados/as a ser capazes de propor e fazer ver o invisível, de forma que o nosso ministério se consolide como ajuda singular de intelectuais orgânicos que, fiéis e em contato com a dor e o sofrimento dos pobres, saibamos manter vigilante a linguagem e desperta a consciência, para continuar propugnando pelos novos céus e nova terra (2 Pd 3,13), que estamos forçados a seguir olhando, sejam quais forem as dificuldades que contenha o nosso serviço. Por fidelidade à vida de Deus na vida dos últimos, os sem voz, os rostos sofridos de Cristo, o Senhor. A partir desta fidelidade, nossa voz, nossa reflexão, nossos discursos e textos, são prisioneiros da Palavra de Deus, coração do nosso coração e vida da nossa vida.

*(Tradução do original espanhol por Natalino Guilherme de Souza)*

**Ignacio Madeira Vargas**, SDS. Religioso presbítero da Sociedade do Divino Salvador (Salvatorianos). Licenciado em Filosofia e Letras na Universidade Javeriana (Bogotá, Colômbia); licenciado e Mestre em Teologia na mesma Universidade. Especialista em Ciências Familiares e Sexologia na Universidade Católica de Louvain (Bélgica); Doutor em Teologia e Ciências da Religião na Universidade Católica de Lovain (Bélgica). Ex-presidente da Confederação Latinoamericana de Religiosos e Religiosas (CLAR) e ex-coordenador da Equipe Teológica de Assessores da Presidência. Professor titular da Faculdade de Teologia da Universidade Javeriana (Bogotá, Colômbia); diretor da Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) da Faculdade de Teologia da Universidade Javeriana (Bogotá, Colômbia). Por mais de vinte anos e até a presente data, partilha a vida na academia com a inserção em bairros populares na região sul de Bogotá.

**Endereço:** Diagonal 40 Sur nº 9B13 – Barrio Puerto Rico  
Bogota – DC – Colombia  
imadeira@javeriana.edu.com

<sup>39</sup> Cf. ALMEIDA, A. J. de. Os desafios dos novos paradigmas para a prática teológica. In: ANJOS, Marcio Fabri dos (Org.). *Teologia aberta ao futuro*. São Paulo: Loyola, 1997, p. 135-142.

<sup>40</sup> Cf. GARCIA RUBIO, A. Prática da teologia em novos paradigmas. In: ANJOS, Marcio Fabri dos (Org.). *Teologia aberta ao futuro*. São Paulo: Loyola, 1997, p. 223-261.